

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM
ESPANHA
23 e 28 de abril de 2026

MAVRO + ASPRO / 1973

(“Preto + Branco”)

Um filme de Thanassis Rentzis, Nikos Zervos

Realização, Produção: Thanassis Rentzis, Nikos Zervos / *Argumento:* Thanassis Rentzis, Loukas Theodorakopoulos / *Montagem:* Thanassis Rentzis / *Assistência de Realização:* Giorgos Tsemperopoulos, Lena Voudouri / *Direção Artística:* A. Kosmetatou / *Música:* Giorgios Papdakis, Sakis Maniatis / *Som:* Giannis Fiser / *Interpretações:* Yorgos Tsemberopoulos (Kostas Kafetzoglou), Vicky Potamianou (Rena), Haris Ionnou, Ninetta, Yiannis Typaldos, Alexis Tabouras, Andreas Velissaropoulos, Manolis Georgiou, Antonis Papakostas, Dimitris Potamianos, Bessy Voudouri, Georgios Dimitriadis, Stavros Christofides, Stamatis Fasoulis, Haris Harakas, Eirini Koumarianou, Ivonni Maltezou / *Cópia:* Digital, preto-e-branco, falado em grego com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 80 minutos / *Estreia Mundial:* 25 de setembro de 1973, Festival Internacional de Cinema de Tessalónica / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.*

Mavro + Aspro é uma obra engajada que põe “preto no branco” a intensificação do descontentamento popular, manifestado nas ruas e em particular nas universidades, pelo estado das coisas numa Grécia ainda sob o jugo da ditadura militar. Trata-se também de um *character study* em que a personagem principal é a revolução ou um desejo quase angustiado (e já cansado) por uma mais-do-que-urgente mudança política. Um estudante de belas-artes parte de Tessalónica para Atenas, “a cidade dos seus sonhos”, na esperança de obter a formação por que tanto almeja – isto ao arrepio da vontade de seu pai, que ambicionava ver o filho a assumir o negócio familiar na “cidade provincial” de Tessalónica. O processo de integração do protagonista no mundo artístico ateniense oferece-se de maneira intempestiva, como que num fluxo de situações, experiências, revelações e deceções, à lente de Thanassis Rentzis e Nikos Zervos, dois influentes cineastas *underground*, com Rentzis a desempenhar um papel de extrema importância no meio cinematográfico grego enquanto editor da revista *Film* e assumindo diversos cargos de relevo, nomeadamente como diretor do Festival Internacional de Cinema de Tessalónica, onde, por sinal, **Mavro + Aspro** teve a sua estreia mundial (para se ficar a conhecer parte da história do *underground* grego ao longo do século XX, e entender o papel desempenhado tanto por Tenzis quanto por Zervos neste caldo de cultura, recomenda-se o visionamento do documentário **Voices from the Greek Underground** [2014] de Giannis Haritidis).

Mavro + Aspro é um filme atravessado pelos ares do tempo. Nesta altura, ao despertar político correspondia também um despertar sexual e cultural: o estado mental do protagonista, nesta *trip* deambulatória que é o filme, vai contaminando progressivamente a escrita cinematográfica a um nível quase cutâneo. Trata-se, neste sentido, de uma obra política vincadamente psicológica que lembra Jean-Luc Godard e os filmes *avant-garde* do grupo Zanzibar, ou algumas obras do New American Cinema, nomeadamente do citado Stan Brakhage (*vide Desistfilm* [1954]), em que uma juventude se vê capturada – como que colhida por uma tempestade – pela sua circunstância histórica.

Em entrevista concedida para efeitos da redação desta Folha de Sala, Maria Komninos, diretora do Tainiothiki Tis Ellados / Greek Film Archive, descreve esta primeira ficção “autobiográfica” de Rentzis, corealizada por Zervos, como uma exploração da “crise existencial de jovens artistas em Atenas durante a junta”, tocando ainda em “assuntos mais gerais como os movimentos dos ‘filhos de Marx e da Coca-cola’”. Alerta ainda Komninos que este filme não representa uma grande mudança nas estratégias narrativas e estéticas, se o compararmos com **Prosopo me prosopo** [obra inaugural do Novo Cinema Grego], sendo

este último título, na perspectiva de Komninos, mais eficaz na “introdução de uma estética moderna e na adaptação de estratégias da Nouvelle Vague ao cinema grego”.

Com efeito, e independentemente da natureza e valor estético de um filme por comparação com o outro, na ótica da evolução do Novo Cinema Grego, se o já exibido neste ciclo **Prosopo me prosopo** dava conta de um período liminar da história grega, em vésperas da tomada do poder pelos militares, **Mavro + Aspro** habita as vésperas da grande resposta popular. Há uma ânsia que consome as conversas, os encontros furtivos, as investidas amorosas em casas de amigos “perseguido uma utopia” e as visitas a boates e a lojas de discos onde o *rock* (Pink Floyd ou Frank Zappa) é a droga mais dura. O pessoal é político? O cultural, o social, o educacional... tudo é político para a juventude grega em 1973 (citando o célebre filme de Edgar Morin e Jean Rouch, **Chronique d’un été (Paris 1960)** [1961], oferece-se aqui, de maneira límpida porque confusa, confusa porque límpida, *a crónica de um tempo*). O político está já por todo o lado, na atitude e no desejo de fazer fugir o lápis ou o pincel e, como acontece num momento assaz godardiano, de substituir a tela em branco pelas páginas de uma revista onde se noticia a guerra e a destruição *abroad*.

O filme documenta de maneira bastante crua aspetos da revolta estudantil no Politécnico de Atenas, uma violenta manifestação anti junta com laivos de Maio de 68, uma luta comum contra a ditadura dos generais. Kostas, o protagonista deste filme, é como que apanhado pelas circunstâncias. Os realizadores Thanassis Rentzis e Nikos Zervos usam a curiosidade do seu olhar de “forasteiro” – alguém que fotografa as ruas e os jardins da capital também com o intuito de os reproduzir ou de se deixar inspirar por eles, depois, por via do desenho – para deixarem passar nas imagens o frémito geral vivido, em particular, no meio universitário. Trata-se de um filme-dinamite e de um filme-esponja, absorvente e observante, vendo em cada esquina a possibilidade de uma desejada transformação política ou então apanhando de frente, como quem leva um muro, o complexo contexto pré-revolucionário. Também é mais um objeto *underground* do que *nouvelle vagueano*, uma tentativa de fazer, como apregoava Godard no âmbito do seu Grupo Dziga Vertov, uma revolução por via das formas. Nesse aspeto, **Mavro + Aspro** revela-se, em suma, tão godardiano quanto warholiano (“a arte *pop* e a glorificação do banal”), esperando que de um novo intelectual e artista nasça um novo Homem e uma nova sensibilidade social e política.

O intenso e enigmático final é dirigido ao espectador: um transbordamento afetivo do mundo interior do protagonista, dado a revelar numa montagem acelerada e estilhaçada, que nos faz ver e rever os acontecimentos que marcaram a estada de Kostas nesta cidade em convulsão. Parece que a dupla de realizadores quer passar a “batata quente” aos espectadores como que os inquirindo: “e agora? É dar um passo em frente ou um passo atrás nessa referida necessidade de criar uma união em torno de uma renovada democracia? É aderir ao fluxo, afirmando a transformação, ou pôr-se de fora, negando-a, hipotecando, com isso, o futuro da nação grega?” Sabemos que, para Thanassis Rentzis e Nikos Zervos, e outros artistas *underground* da sua geração, só havia uma resposta certa: acima de tudo, a liberdade – sempre ela, irrevogavelmente – após o fim da ditadura.

Luís Mendonça